

Livroclip da Obra Dom Casmurro, de Machado de Assis: semiótica, literatura e hipermídia

Clip of the book Dom Casmurro, of Machado de Assis: semiotic, literature and hypermedia

Izabel Cristina Silva Diniz*

Keilla Conceição Petrin Grande**

RESUMO: O presente trabalho aborda alguns dos aspectos imagéticos que compõem a narrativa visual do livroclip Dom Casmurro, uma adaptação do romance homônimo, do escritor brasileiro Machado de Assis. Com base em estudos da semiótica de Peirce e, principalmente, nos estudos de Santaella (2001 e 2005), pretende-se investigar as matrizes da linguagem (sonora, visual e verbal) que, em conectividade, compõem o objeto investigado. Esse estado híbrido de expressão confirma, como proposto por Santaella (2005), que "as linguagens estão em permanente crescimento e mutação", especialmente hoje, potencializadas pelas tecnologias da informação e comunicação bem como pela Internet (hipermídia).

PALAVRAS-CHAVE: Livroclip. Dom Casmurro. Semiótica.

ABSTRACT: The present work addresses issues related to some imagery aspects that compose the visual narrative of Dom Casmurro clipbook, an adaptation of the homonymous novel by the Brazilian writer Machado de Assis. Based on studies of Peirce's semiotics, and especially on studies of Santaella (2001 and 2005), we intend to investigate the language patterns (sound, visual and verbal), which in connectivity comprise the investigated object. This hybrid state of expression confirms, as proposed by Santaella (2005), that "languages are constantly growing and changing," especially nowadays, potentiated by information and communication technologies as well as by the Internet (hypermedia).

Keywords: Clipbook. Dom Casmurro. Semiotics.

* Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Email: izabel.diniz@hotmail.com

** Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Email: keilla.petrin@ig.com.br

Novas Tecnologias, novos gêneros

Desde o surgimento do computador e, principalmente, com a propagação das tecnologias de informação e comunicação, emergiram e não cessam de surgir novos “formatos” de mídias - como a hipermídia -, novas linguagens, que se revelam cada vez mais híbridas, assim como novos gêneros textuais que, dentro desse contexto das novas tecnologias, são denominados, de forma genérica, gêneros digitais. Podemos citar como exemplos o *e-mail*, o *blog*, o *e-book*, o *site*, o *orkut*, o *twitter*, a *wiki* e, mais recentemente, o *livroclip*, o qual é o objeto de estudo deste artigo. Vivemos, assim, um momento de experimentação de novas linguagens e formatos visuais, sonoros, audiovisuais.

Uma narrativa pode ser transcrita pela palavra, por sistemas visuais e sonoros, através da literatura, do teatro, do cinema, da televisão, de jogos, entre outros. As novas tecnologias e os usos que delas fazemos permitem ampliar o universo narrativo e desenvolver novas e diferentes formas de se contar uma história, em novos modos de produção visual, sonora ou audiovisual, na construção de uma linguagem multimídia ou hipermídia. Tais mudanças permitem identificar novas possibilidades estéticas, formais e de linguagem, com a crescente hibridização de gêneros e multiformatos narrativos. Nesse contexto, percebe-se uma tendência no sentido de incorporação de elementos das linguagens de todas as artes em meios digitais para construção de uma linguagem própria, de acordo com os recursos tecnológicos disponíveis (CASTRO e FREITAS, 2010).

Observa-se que um novo meio, ao se estabelecer, toma emprestados uma série de convenções, hábitos e costumes linguísticos, estéticos e formais de meios anteriores. Isso foi visto nas décadas de 1950 a 1960, quando da difusão da televisão, que passou a conceber sua própria linguagem a partir de gêneros e formatos narrativos experimentados no rádio, no teatro e no cinema.

E continua ainda a ocorrer também sob influência das tecnologias digitais: “Da mesma forma, não podemos compreender as mudanças na televisão se não levarmos em conta os avanços das mídias digitais, como a internet, os celulares, os videogames, as vídeo instalações” (SCOLARI, 2009; CASTRO e FREITAS, 2010).

O computador conectado à Internet, bem como o uso das tecnologias de informação e comunicação, como já dito, tem possibilitado o surgimento de novos gêneros textuais, os quais emergem, circulam, têm uso e consumo no ciberespaço[†]. Assim ocorre com o livroclip, um gênero textual elaborado com recursos da tecnologia digital e que apresenta caráter marcadamente intertextual, já que todo e qualquer livroclip está vinculado a uma determinada obra, seja ela literária ou científica. É dentro dessa perspectiva que passamos à análise do livroclip da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

O livroclip “Dom Casmurro”

O livroclip foi, em âmbito nacional, pensado inicialmente pela empresa Retoque, e tem sido usado como estratégia pedagógica para incentivar a leitura de obras, principalmente literárias, fator que explica seu caráter intertextual. O livroclip pode ser compreendido como o enredo de um determinado livro adaptado a um pequeno filme, que possui citações da obra, imagens, efeitos de vídeo e músicas. Segundo o *site* do Livro Animado na Sala de Aula (2012)[‡],

o livroclip é a moldura digital do livro, que inclui uma

† Pierre Lévy define o ciberespaço “como *o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. (...) o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (...), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização*” (destaques do autor). O filósofo destaca a questão da codificação digital no ciberespaço, pois “ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 92-93). Características essas que estão em funcionamento, em maior ou menor grau, no livroclip tratado neste artigo.

‡ Disponível em <http://www.livroclip.com.br/>. Acesso em 4/5/2012.

animação sobre a obra, trechos e biografia do autor e uma seção especial que transforma o livro em material pedagógico para uso de professores em salas de aula do ensino fundamental, médio e superior.

Na tentativa de compreender esse objeto, pode-se, por outro viés, pensar na etimologia do nome adotado. Primeiramente entender que clipe (versão em língua portuguesa) é usado, de forma reducionista, em referência à palavra videoclipe. Segundo o dicionário online *Michaelis* (2012)[§], videoclipe significa:

vi.de.o.cli.pe. Sm (ingl video-clip) Vídeo para apresentação de música, com imagens visualmente interessantes, embora frequentemente não se relacionem diretamente à execução da música em si.

Assim, o livroclip pode ser entendido como o clipe de um livro, ou seja, vídeo para apresentação de uma obra qualquer, com imagens visualmente interessantes, com uso de trechos da obra e também inclusão de uma trilha sonora, composta por músicas diversas. Por ser fruto da computação gráfica, consideramos o livroclip como um gênero digital, que nasceu e se consolidou nesse meio.

De outro modo, livroclip trata-se de um filme de divulgação, à semelhança dos *trailers* de filmes de longa-metragem (uma estratégia comercial da indústria cinematográfica), sendo que este tem a função de divulgar filmes enquanto aquele, por sua vez, tem como objetivo divulgar livros, mais precisamente a leitura de *e-books* - o que não deixa de ser uma estratégia comercial da indústria editorial.

O livroclip selecionado para este estudo, "Dom Casmurro"^{**}, baseado no romance homônimo do escritor Machado de Assis, foi produzido pelo Instituto Canal do Livro, vinculado originalmente ao *site* intitulado Livroclip Biblioteca

§ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=videoclipe>. Acesso em 31/4/2012.

** Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg. Acesso em 15/04/2012.

Digital^{††}. O Instituto Canal do Livro é uma associação sem fins lucrativos que tem como objetivo incentivar a leitura por meio de objetos educacionais na internet e capacitar educadores no uso de recursos digitais.

Como afirmado, o livroclip tem, por característica fundamental, a intertextualidade, já que ele parte de um texto preexistente. Genette (2006), ao tratar dessa relação que os textos mantêm entre si, o que o filósofo francês denominada por "transtextualidade", elabora cinco formas pelas quais essas relações se dão: a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a hipertextualidade e a arquitextualidade. Não é objetivo deste trabalho esmiuçar a teoria de Genette, mas, mediante suas proposições, consideramos o livroclip Dom Casmurro como um hipertexto, visto que ele retoma o romance machadiano não como "comentário", mas criando, a partir dele, uma nova produção, utilizando outras linguagens e suporte.

É interessante observar essa relação entre os textos, pois isso nos permite melhor averiguar as "transformações" que se processam do hipo para o hipertexto e como elas se tornam ou não significativas na nova criação. Assim, percebe-se que no livroclip de que tratamos existe uma preocupação entre preservar questões já canonizadas do romance de Machado de Assis, como os elementos referenciais de tempo e espaço, bem como a temática central do livro. Por outro lado, há uma clara tentativa de dar à obra uma feição moderna, atualizada, realizada pelo uso de recursos que remetem ao universo digital, tão presente no cotidiano do leitor moderno. É um procedimento que acredita-se interessante e até mesmo eficaz, visto se tratar de um texto cujo objetivo é divulgar e incentivar a leitura.

Para melhor visualizarmos esse processo ao mesmo tempo de retomada e modificação, passamos a um exame mais detido do livroclip Dom Casmurro. A referida produção apresenta um híbrido de linguagens, composta por linguagem verbal, visual e sonora, com duração de pouco mais de três minutos.

†† Disponível em: <http://www.livroclip.com.br/>. Acesso em 12/5/2012.

O livroclip inicia-se com a contextualização da “cena” (ver figuras 1 e 2). O narrador configura-se como uma máquina digital em busca de expressar as memórias de um homem. A máquina, que nos conta as memórias desse homem misterioso, remete-nos à produção cinematográfica *Matrix* (1999), na qual existe um computador central que gerencia tudo o que se passa com os personagens que estão interconectados a ele. À semelhança desse filme, o aparato tecnológico é parte constituinte da história. Em *Matrix*, a máquina digital é o meio por que os personagens materializam-se em outra realidade; já no referido livroclip, ela é o próprio narrador que tudo sabe, na qual as informações estão registradas e são facilmente recuperáveis. É por meio dela que nos chega a história de Bentinho.

No universo narrativo tem-se um videotexto, em uma relação de complementaridade, na qual imagem e texto têm a mesma importância (SANTAELLA, 2008). A imagem, nesse caso, é integrada ao texto: uma junção de imagens, composta pela imagem verbal (a própria palavra escrita) e visual (fotografias e figuras elaboradas por computação gráfica), acrescida de mais linguagem verbal, sendo esta constituída por trechos da obra e linguagem sonora (músicas). Conforme aponta Santaella, verifica-se que as modalidades podem se misturar:

Além disso, as modalidades podem se misturar o que necessariamente acontece quando elas tomam corpo, isto é, se concretizam em suportes ou mídias específicas. Vem daí a enorme profusão de linguagens. Quando se manifestam em canais específicos, as linguagens adquirem traços que são próprios daquele canal, o que cria a ilusão de uma mera somatória de linguagens e mídias. (2005, p. 56)

Por uma questão didática, optamos por analisar o livroclip “Dom Casmurro” em planos, termo emprestado do cinema, que se refere à duração das sequências de um trecho rodado ininterruptamente. Em relação aos planos que compõem o objeto em estudo temos um total de seis, os quais passamos a

descrever.

No primeiro plano, tem-se um enquadramento, que contextualiza a “cena”, elaborado a partir da linguagem verbal, o qual nos remete ao assunto a ser tratado. As palavras ganham movimento, conforme se verifica nas imagens abaixo:

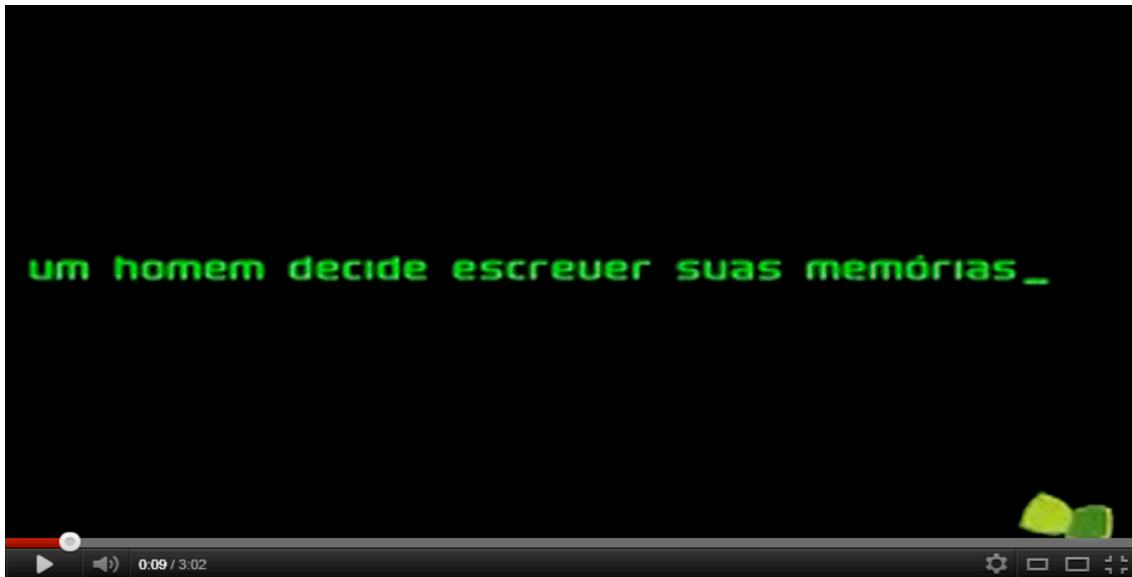


Figura 1: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

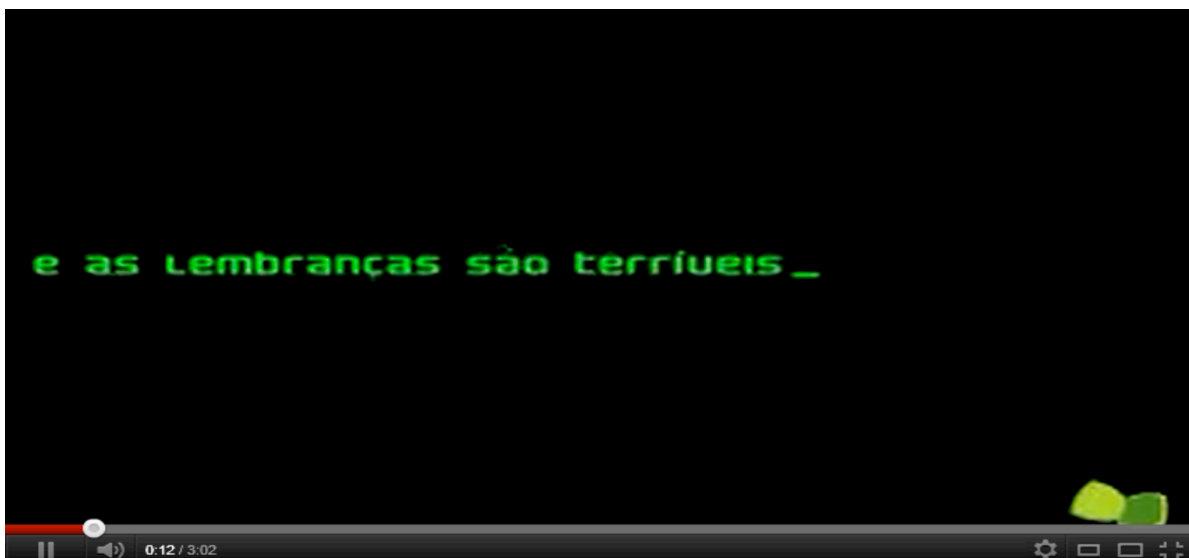


Figura 2: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

Chamamos a atenção para o signo _ (*underline*, que aparece ao final das duas frases) que, ao piscar, indica-nos que será fornecida mais informação sobre o caso. Enquanto leitores, devemos aguardar o processo de escrita na tela, marcado pelo movimento do ato de escrever do narrador-máquina, aumentando, assim, ainda mais, o mistério envolto na trama, o qual também é confirmado e realçado pela trilha musical selecionada, não por acaso, para esse livroclip. Além disso, a cor das letras indica uma versão de máquina computadorizada, na qual predominava o tom verde na tela, geralmente utilizado por programadores, à semelhança do filme *Matrix*, como já mencionado, sugerindo assim, uma máquina capaz de reter e recuperar qualquer memória. O narrador-máquina deixa evidente que um homem pretende apresentar suas memórias através da escrita. Dessa forma, inicia-se o livroclip com a escrita, ou seja, com a linguagem verbal computacional, se assim nos é permitido dizer. O signo "piscante" parece-nos típico do universo digital e computacional, sendo facilmente compreendido pelos usuários do mundo digital.

No segundo plano, há inclusão de fotografias: a primeira, contextualiza o momento histórico da trama (ver figura 3), seguida de fotos que seriam dos personagens principais (ver figuras 4 e 5). A apresentação de cada um desses personagens é embalada por uma trilha sonora, com músicas que sugerem e reforçam o tom de mistério na apresentação do enredo. Observa-se que as fotografias são seguidas por um pequeno texto, funcionando como uma legenda na identificação dos envolvidos na história, ao mesmo tempo que nos remete aos fichamentos investigativos, o que reforça o tom de mistério, de inquérito que o romance oferece e o livroclip só faz reforçar. Além disso, há, também, a transcrição de um trecho da obra, o qual se relaciona à personagem representada:



Figura 3: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

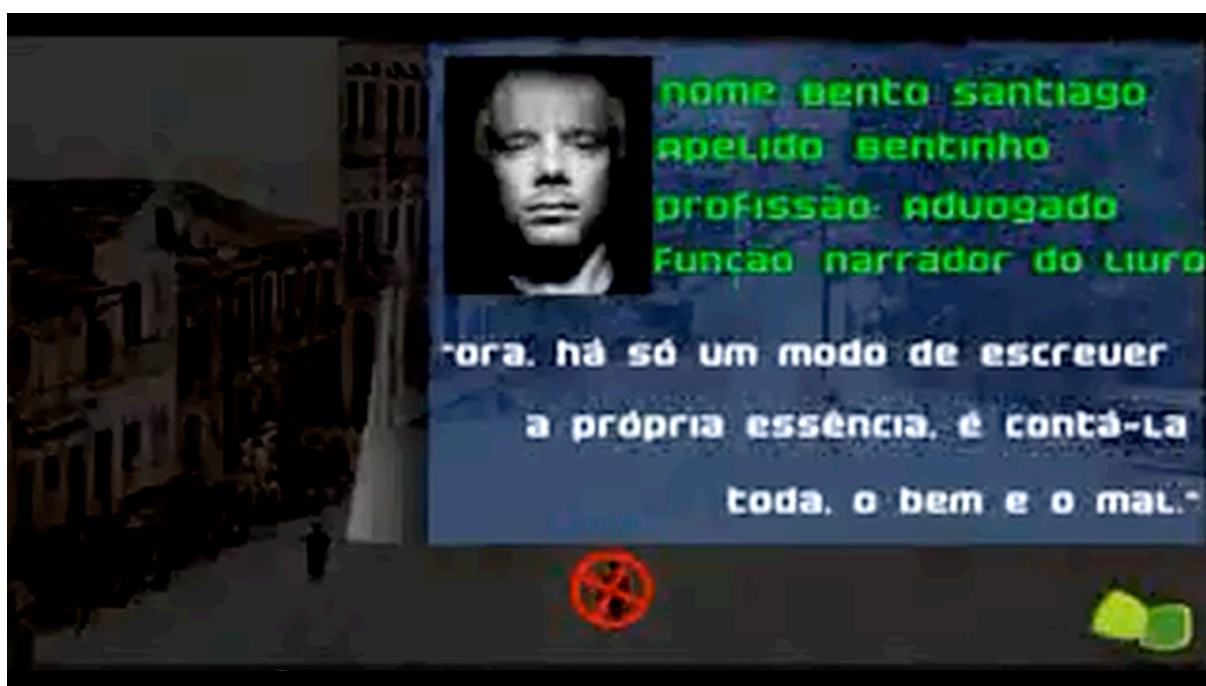


Figura 4: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

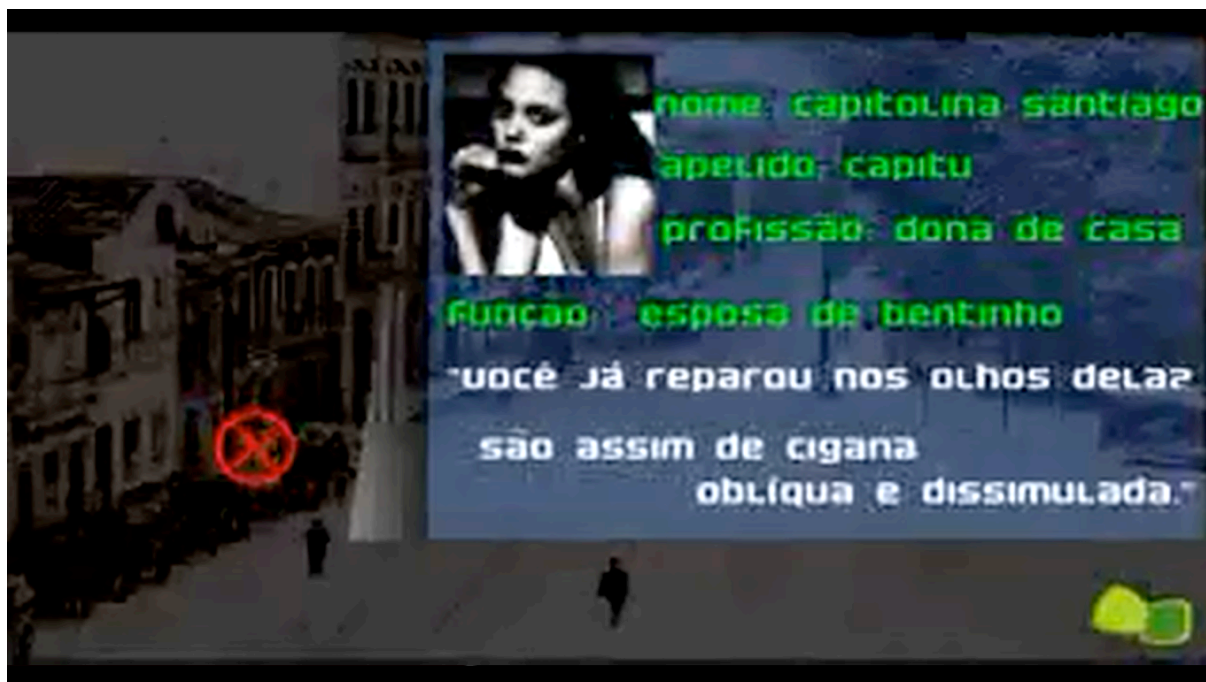


Figura 5: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

Algumas das figuras que compõem a fotografia da cidade do Rio de Janeiro ganham movimento e revelam ao leitor informações sobre o tempo, o espaço e os personagens. Há um momento em que a cidade desaparece gradativamente até converter-se em linguagem computacional, isto é, em um espaço que só existe no mundo virtual, revelando, assim, o poder dessa máquina que narra e demonstra o processo de busca dessas lembranças, indicando também a interface entre a máquina e a memória de um homem. Sob esse ponto de vista, o referido livroclip sugere que a máquina é capaz de guardar todas as memórias de um ser humano. E não será isso que o computador faz? O registro da memória da humanidade? Assim sendo, pressupõe-se que, tal como essa máquina, a literatura também envolve memória.

Já no terceiro plano, é-nos revelado que a história transmitida pelo livroclip trata-se da obra prima de Machado de Assis. Nesse trecho, o tom de mistério cede lugar à curiosidade, o que é reforçado pela trilha musical. Nesse

plano temos a pergunta principal que envolve o livro: Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Essa pergunta vem acompanhada da imagem sintética do autor, que mais parece uma caricatura. O que pode ser confirmado na figura que se segue:



Figura 6: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

No plano seguinte, temos novamente fotografias, apresentadas junto a pequenos textos que indicam acontecimentos da trama e, por certo, objetivam despertar o desejo do leitor para conhecer o todo da história. Para complementar, ainda há trechos transcritos da obra. Com isso emergem as questões principais da trama, o amor de infância, a traição do melhor amigo, a visão do filho como inimigo, todas as questões que expõe a angústia do narrador da história, Bentinho. Novamente o ar de mistério se faz, reforçado pelo componente musical. Tudo isso como se tais memórias estivessem em um túnel do tempo digital, remetendo-nos a uma busca, na memória digital, por lembranças longínquas, o que pode ser verificado na próxima figura:



Figura 7: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

Compõe o quinto plano a imagem de Machado de Assis, que surge após o afastamento das lembranças que estão sendo pouco a pouco reveladas, juntamente com a seguinte pergunta: “e aí, Machado de Assis, traiu ou não traiu?”. Essa pergunta também vem acompanhada de uma aparente fotografia do autor, o que pode ser atestado na figura 8:

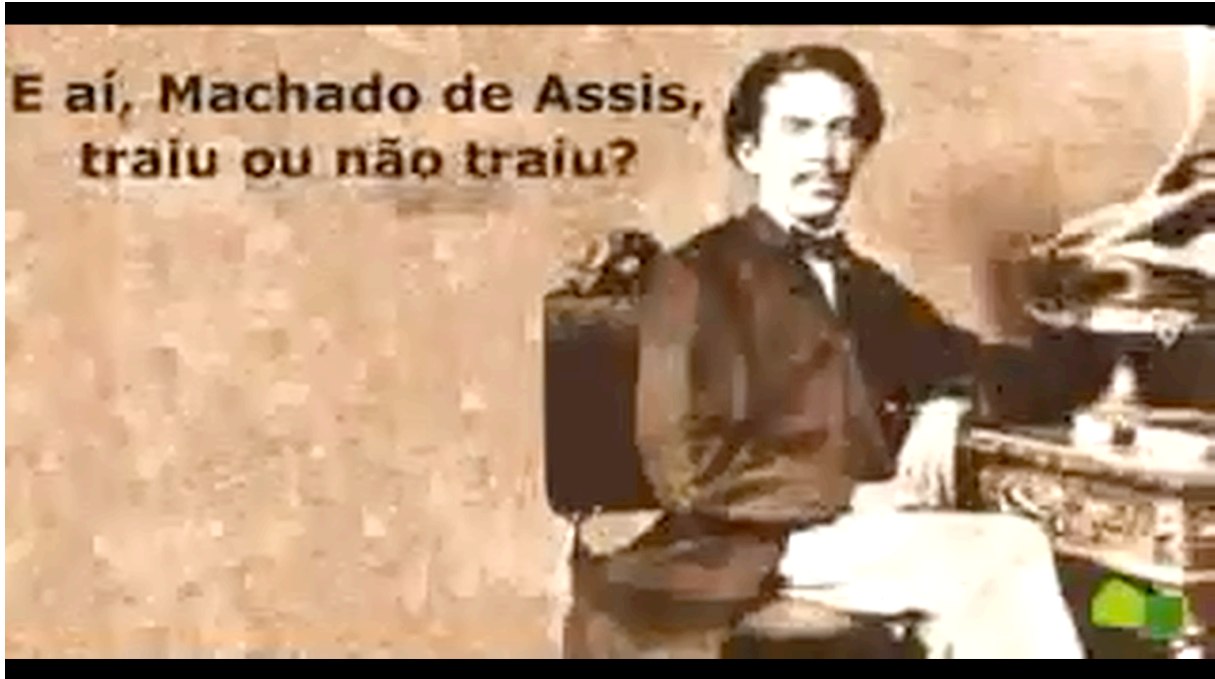


Figura 8: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

No sexto e último plano tem-se a indicação de leitura da obra, com os seguintes dizeres ao lado da imagem da capa do livro: “Na lista dos 10 melhores livros brasileiros de todos os tempos”, “Numa LIVRARIA ou BIBLIOTECA perto de você” e “Concorra a um exemplar GRÁTIS, deste livro, cadastre-se...”. Confira também a imagem extraída do livroclip:

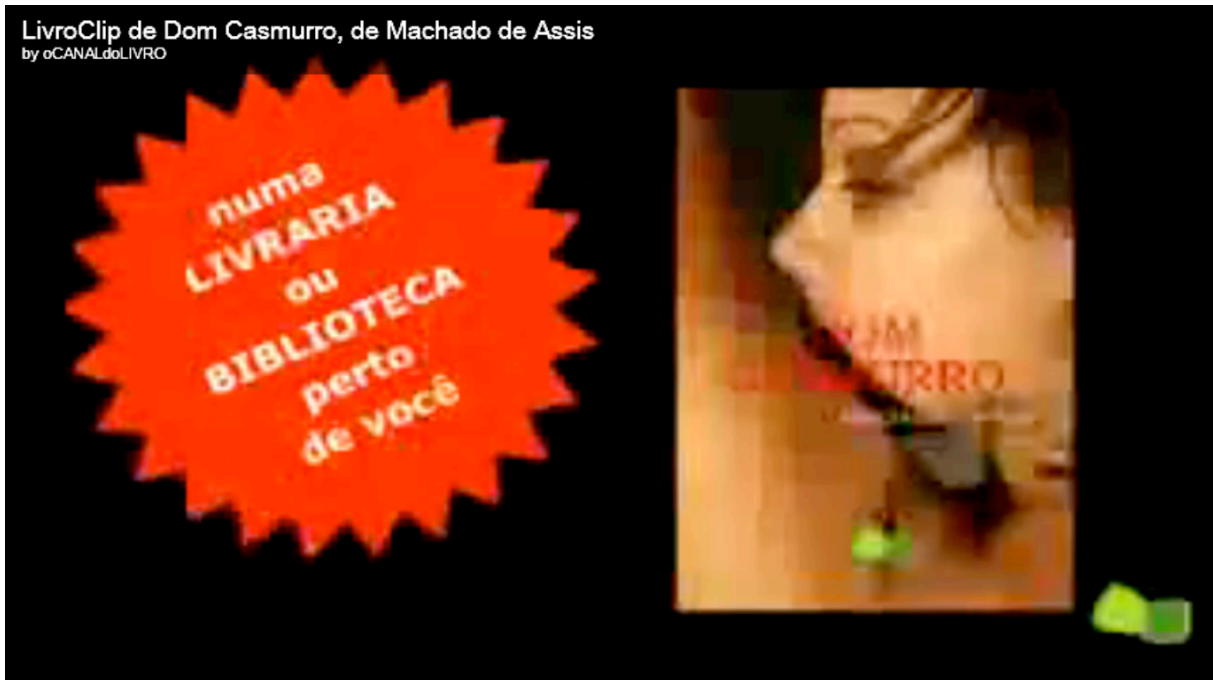


Figura 9: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

Vale ressaltar que ao início do livroclip, após a contextualização da cena, na qual o narrador-máquina nos informa que alguém decide escrever suas memórias, tem-se uma imagem-movimento que remete à busca de informações por meio de um sistema computacional. Novamente uma referência ao filme *Matrix*. Veja-se a figura abaixo:

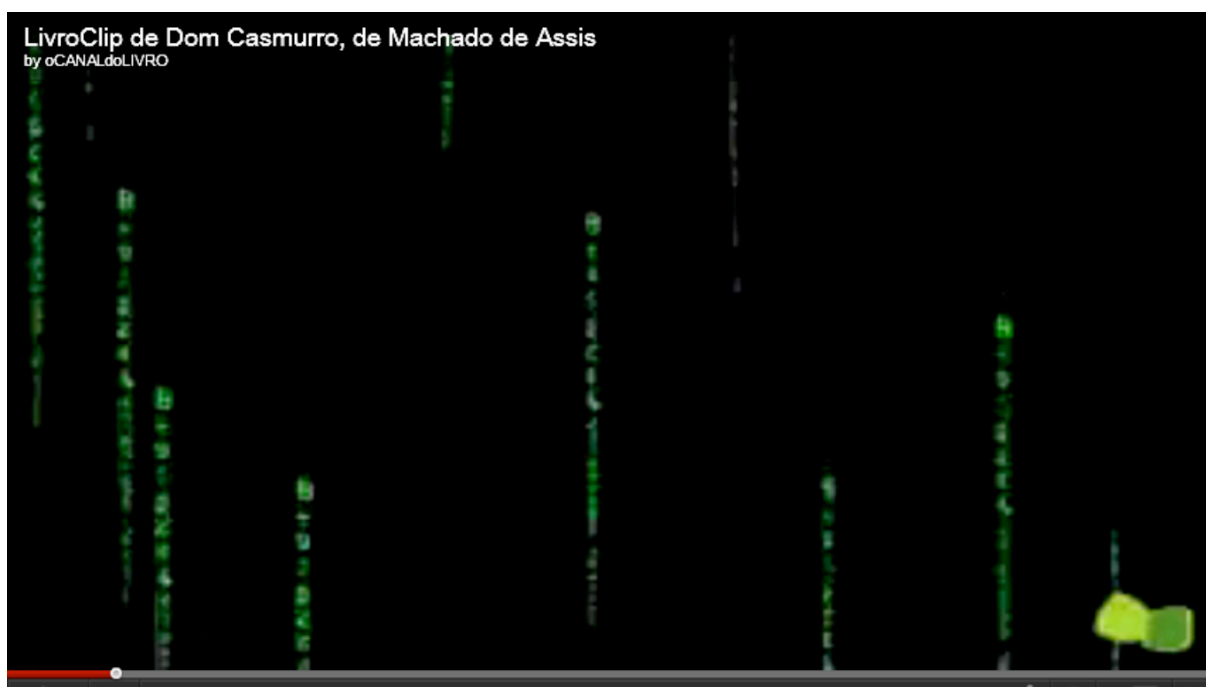


Figura 10: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

As imagens também são objetos de interpretação, seja quando usadas isoladamente, seja em conjunto com outros tipos de linguagens. Sua própria disposição gráfica e/ou sequencial leva o espectador a construir um determinado contexto, a atribuir-lhes sentidos. No entanto, no caso em análise, parece que as imagens não são totalmente suficientes para tal. Isso pode ser comprovado pela legenda que as segue, como, por exemplo, na fotografia da cidade do Rio de Janeiro no tempo do Império (ver figura 11) e nas demais fotos que aparecem ao longo do livroclip. Trata-se de uma díade entre texto impresso, imagem ilustrativa e sua legenda: “A legenda ou a figura comenta o texto e, em alguns casos, a imagem até comenta a própria legenda” (SANTAELLA, 2005, p. 55), como demonstra o exemplo (rever as figuras 4 e 5):



Figura 11: Trecho do livroclip Dom Casmurro.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=D4X_yKkIAgg

O livroclip “Dom Casmurro” apresenta imagem em movimento criada por recursos de computação gráfica. Isso significa que a manipulação de espaço e tempo foi realizada por meio de movimentos de ângulos (*zoom* negativo e positivo), sonoridades e cortes alinhavados por uma edição repleta de recursos tecnológicos, uso de fotografias, mistura de imagens reais e virtuais. Além disso, em cada enquadramento, seis ao total, como descrito, há uma trilha sonora criada e selecionada para compor o texto em destaque, o que também exerce uma marca de temporalidade (SANTAELLA, 2008).

Em *Tradução Intersemiótica*, Julio Plaza também trata de questões relacionadas a obras que são elaboradas a partir de uma produção anterior. O autor designa essa operação, de forma geral, como “tradução”, não no sentido de reprodução do original, mas como atividade a qual implica criação, portanto, transformação. Uma das observações que Plaza faz ao tratar do assunto é de que

A transposição de um signo estético num meio determinado para outro meio tecnológico deve obedecer os recursos normativos (signos de lei) do novo suporte, seus sistemas de notação. (...) A operação de

passagem da linguagem de um meio para outro implica em consciência tradutora capaz de perscrutar não apenas os meandros da natureza do novo suporte, seu potencial e limites, mas, a partir disso, dar o salto qualitativo, isto é, passar da mera reprodução para a produção. (PLAZA, 2003, p. 109)

Analisando o livroclip *Dom Casmurro*, observamos que, em relação ao novo suporte – meio digital –, foram utilizados vários recursos de que ele dispõe: o misto de linguagens - sonora, visual e verbal, que potencializam a informação a ser veiculada; a hipertextualidade que, além do diálogo com a obra machadiana, promove outras intersecções, como a relação com arte fotográfica, a sugestão de uma investigação à maneira das obras policiais, além da já mencionada linguagem digital. Ainda há que observar o tempo de duração do livroclip, pouco mais de três minutos, que também não deixa de atender a uma produção pensada para o ciberespaço, o qual tem por característica a rapidez e fluência dos textos nele veiculados. Quanto ao “salto qualitativo” de que fala Plaza, seria necessário um outro trabalho, um outro tipo de abordagem e investigação para pensarmos se o livroclip produzido pelo Instituto Canal do Livro atingiria esse objetivo.

Poder-se-ia, apenas na tentativa de iniciar uma discussão quanto a essa questão, pensar, conforme Santaella (2008), que as teorias linguísticas estabelecem uma diferenciação entre dois planos do discurso, o da enunciação e do enunciado. O plano da enunciação marca as posições do sujeito dentro do discurso que enuncia. Já o plano do enunciado, refere-se àquilo que o discurso enuncia, ou seja, o que é narrado. Os tempos do enunciado e da enunciação não são necessariamente os mesmos. Dessa forma, no caso do livroclip em questão, tem-se no plano da enunciação um tempo marcadamente digital; por sua vez, no plano do enunciado, tem-se um tempo “analógico” das fotografias em preto e branco do tempo do Império. Há, portanto, um tempo marcado pela tecnologia, correlato aos tempos modernos, e outro pelo passado - tempo do Império no Brasil – em que transcorre a ação da obra machadiana. O próprio livroclip, devido ao meio ao qual foi vinculado, para citar apenas uma

característica, já traz em si a marca de um tempo, refere-se ao tempo das máquinas digitais, de uma linguagem também digital, enquanto a obra de Machado de Assis refere-se a outro tempo, um tempo do passado, que abarca a linguagem e a cultura de uma outra época. Diante disso, pode-se pensar no uso das duas linguagens - digital e literária – como forma potencial para tratar de questões humanas, talvez universais, como o ciúme, a traição, o amor, a amizade.

Conclusão

O público ao qual se destina o livroclip, de maneira geral, pode ser considerado de nativos digitais, que, segundo Prensky (2001), são aqueles que “falam” com total desenvoltura uma língua digital de computadores, *games*, *internet* e até *softwares*. Isso significa que esses nativos pertencem a uma geração que nasceu após a inclusão do computador como item doméstico e como *PC* (computador pessoal). Xavier (2004 e 2009) acredita que os nativos digitais têm mais independência e autonomia na aprendizagem; fluência verbal, pois escreve-se e lê-se mais; abertura emocional e intelectual; curiosidade e faro investigativo; raciocínio rápido e sistemático; senso de imaginação e competência argumentativa na defesa de ideias. Assim, acredita-se que o letramento digital possibilita: maior velocidade no ato de captar, aprender e compartilhar conhecimento; ampliação do dimensionamento perceptual (verbal-visual-auditivo) dos dados apresentados no hipertexto; composição coletiva de hipertextos, coautoria, mais envolvimento e mais colaboração na construção de saberes. Diante disso fica uma pergunta a ser esclarecida em outros trabalhos: Qual o potencial comunicativo e pedagógico dos novos gêneros digitais?

Sabemos que as tecnologias de informação e comunicação têm papel fundamental na formação de “novos” leitores e que também têm propiciado uma nova forma de textualização e novas condições de produção social do

conhecimento. Nesse sentido espera-se que o livroclip contribua para o aprendizado, desperte a atenção de crianças e jovens para a questão da leitura e provoque o interesse para outras informações sobre a obra e sobre o autor.

Assim, caberia a pergunta se o livroclip Dom Casmurro cumpre essa função. Talvez os leitores já familiarizados com a obra de Machado de Assis vejam no livroclip a perpetuação de um clichê atribuído ao romance: “Capitu traiu ou não?”, quando poderia ser mais interessante enfatizar não uma possível resposta, mas a ambiguidade tão bem trabalhada na obra e marca indiscutível do autor. Ainda seria questionável se, na escolha das fotos para as personagens, bem como nos trechos retirados do original que lhe são atribuídos não haveria uma “indução” de leitura, ou seja, o potencial leitor já adentraria no texto imbuído daquelas percepções, de pré-conceitos já estabelecidos pelo livroclip.

No entanto, mesmo diante de possíveis problemas e lacunas, é inegável que esse novo gênero textual é e pode vir a ser cada vez mais um auxiliar na difusão e no estímulo à leitura. Este artigo centrou-se no estudo das linguagens que compõem o livroclip, mas no decorrer dele, percebemos quantas discussões ficam em aberto e sugerem possibilidades para novos trabalhos, o que comprova a rica contribuição que esse tipo de produção pode acarretar para nós educadores e leitores.

Referências

CASTRO, Cosette & FREITAS Cristiana. *Narrativa Audiovisual para Multiplataforma – Um Estudo Preliminar*. Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom: Ano 2, n. 7, 2010, p. 2-16.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos a literatura de segunda mão*. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da*

informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PRENSKY, Marc. *Digital natives, digital immigrants parts I & II*. On the Horizon, MCB University Press. V. 9. n. 5, 6. 2001. Disponível em: <http://www.albertomattiacci.it/docs/did/Digital Natives Digital Immigrants.pdf>. Acesso em 12 de junho de 2011.

SANTAELLA, Lúcia. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 1ª edição. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento*. 3ª edição. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SCOLARI, Carlos Alberto. *Ecología de la Televisión. Complejidad Narrativa, Simulación y Transmedialidad en la Television Contemporânea*. In Sebastião Squirra e Yvana Fchine (orgs). *Televisão Digital: Desafios para a comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 174-201.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. *Letramento digital e ensino*, 2004. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2011.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. Anotações de aula do minicurso Hipertexto e letramento digital na prática pedagógica durante o *Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Belo Horizonte, 2009.